

## Jesus é Rei, mas não como os homens querem

Semana passada, estivemos meditando sobre o tema: Jesus é Rei, mas não como os homens querem. Quando vamos às compras, escolhemos a cor e modelo de nossas roupas. Qualquer bem durável ou não só é adquirido se cumpre nossas exigências e vontades. Quando adentramos a vida cristã, carregamos esse mesmo raciocínio, porém estamos equivocados. **João 6:15 Sabendo, pois, Jesus que estavam para vir arrebatá-lo para fazê-lo rei, retirou-se novamente, sozinho, para o monte.** Jesus é Deus e diferente do que pensamos, Ele não se adequa ao que eu quero. As igrejas não recebem consumidores, mas servos.

Temos Deus como nosso Senhor e não como nosso fazedor de milagres.

Jesus é Rei, mas não como os homens querem. Abra a Palavra de Deus...

Passado todo o dia os que foram ensinados, curados e alimentados, nutrem em Jesus o messias conforme os seus corações. Não o messias bíblico, mas um grande general, capaz de libertá-los do domínio romano vigente na época e, além disso, alguém que os alimentaria, aliviando o fardo de trabalhar para subsistir.

Não conseguem vê-lo como o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo que tem a oferecer muito mais que a vida neste mundo, mas principalmente uma existência eterna ao Seu lado.

Jesus se afasta, sobe o monte e vai orar. **Marcos 6:46 E, tendo-os despedido, subiu ao monte para orar.**

Tempo com o Pai, se afastando da tentação humana.

**João 6:16 Ao anoitecer, os discípulos desceram até o mar.**

Cai à noite. Os discípulos estiveram esperando até então no lugar em que tinham comido, mas a escuridão já torna impossível qualquer outra manifestação messiânica. Realmente havia anoitecido e era fim do dia, mas as palavras podem também ser simbólicas e a escuridão da noite e a ausência de Jesus estão poderosamente ligadas.

**João 3:2 Este, de noite, foi ter com Jesus e lhe disse: Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele.**

Jesus é luz e lâmpada para nossos pés. Com a sua ausência, como cristãos estamos perdidos.

**João 6:17 Eles subiram num barco e se dirigiram a Cafarnaum na outra margem. Já havia escurecido, e Jesus ainda não se juntara a eles.**

**João 6:18 Além disso, soprava um vento forte e o mar ia se encrespando.**

O mar da Galiléia encontra-se cerca de 180 metros abaixo do nível do mar.

Ar frio vindo dos planaltos a sudeste pode entrar de repente para deslocar o ar úmido e aquecido sobre o lago, agitando a água em uma violenta tempestade.

Quando vêm que realmente o dia de labor tinha findado, descem ao lago, sobem a uma barca e se dirigem a Cafarnaum. A barca, que reúne e unifica o grupo, não é a deles nem a de Jesus, mas uma barca qualquer.

Querem voltar à cidade, à vida de todos, em vez de ficar com Jesus do outro lado do lago. Já não o seguem, mas escolhem seu próprio itinerário: voltar atrás do êxodo que tinham feito com ele. Como Jesus se nega a secundar seus planos, desertam e o abandonam. Chegada a crise, descem à noite. O mar e a noite opõem-se à altura do monte, onde se deixou ficar Jesus.

17b (Tinha-os colhido as trevas...

O texto apresenta parêntese muito significativo (cf. nota). Alude-ee claramente ao prólogo (1,5; a luz brilha nas trevas, e as trevas não a extinguiram). A oposição dos discípulos a Jesus, que os leva a separarem-se de Jesus, os faz presas das trevas, a ideologia própria do sistema opressor, cujos falsos valores eles professam. São partidários do poder

e querem conferi-ló a Jesus, mas o poder, que submete o homem, privando-o de sua liberdade, é inimigo do amor que ele manifestou.

17c ... e ainda não se tinha reunido com eles Jesus ...

Razão a mais para não se irem, pois sendo seus discípulos deviam tê-lo esperado. O povo esperará Jesus até o dia seguinte e, pela manhã, pôr-se-á a procurá-lo para estar com ele (6,22-24). Os discípulos, porém, se vão.

19 Tendo navegado uns vinte e cinco a trinta estádios, eis que viram Jesus andando por sobre o mar, aproximando-se do barco; e ficaram possuídos de temor.

19 Tinham remado cerca de vinte e cinco ou trinta estádios, quando viram Jesus aproximar-se do barco, caminhando sobre o mar. Ficaram com medo.

19 Eles tinham remado cerca de vinte e cinco estádios, quando viram Jesus, andando sobre o mar e se aproximando do barco. Então ficaram tomados de medo.

19 Quando haviam remado uns cinco ou seis quilômetros, viram Jesus que se aproximava do barco caminhando sobre as águas, e se assustaram.

19. O stadion grego equivalia a 185 metros. Os discípulos remaram vinte e cinco ou trinta stadia, entre 4.6 e 5.5 quilômetros (o que aparentemente explica os cinco ou seis quilômetros da NVI; cf. Mc 6.47, 'no meio do mar'). Os discípulos viram Jesus aproximando-se do barco, andando sobre o mar. as três últimas palavras traduzem epi tes thalasses. Como a preposição epi mais o genitivo pode significar 'por', antes que 'sobre', alguns (e.g: Bernard, 1. 186, seguido por Barclay) sugerem que os discípulos remaram três milhas ou tanto mantendo-se perto da praia, e os discípulos viram Jesus caminhando pelo (perto do) mar, e não andando sobre ele. Mas a frase pode significar 'sobre o mar' (cf epi com o genitivo em Ap 10.5), e certamente Mateus e Marcos situam o local 'no meio' do lago. João pode ter tido motivo extra para evitar epi mais acusativo, a forma normal de se expressar 'sobre': ele já havia usado essa expressão em 6.16 na frase 'para o mar'. As claras distinções no uso preposicional achadas no grego clássico estavam desaparecendo do grego helenístico do período do Novo Testamento. O contexto torna-se o critério dominante. Se os discípulos simplesmente viram Jesus andando perto do lago, é difícil imaginar por que teriam se assustado. Não pode haver dúvida razoável de que os sinóticos e João igualmente retratam esse evento como um milagre.

20 Mas Jesus lhes disse: Sou eu. Não temais!

20 Jesus, porém, lhes disse: "Sou eu. Não temais".

20 mas Jesus lhes disse: "Sou eu, não tenhais medo!".

20 Ele lhes diz: Sou eu, não temais!

20. Diferentemente de Marcos 6.49, João não nos diz que os discípulos estavam com medo porque pensaram que estivessem vendo um fantasma. Ele está menos interessado em dissecar o medo deles do que em retratar seu alívio. Jesus acalma seus medos ao identificar-se: Sou eu! O grego por trás dessa expressão é ego eimi (lit. 'eu sou'). A expressão é algumas vezes usada com um predicado explícito (e.g. 6.35; 10.14; 15.1), algumas vezes com um predicado implícito no contexto (cf notas sobre 8.24), e algumas vezes de forma absoluta (cf. notas sobre 8.58). Mas a expressão não tem necessariamente uma bagagem teológica: é a forma perfeitamente normal de dizer: "Sou eu" - algo que fica claro quando ela aparece nos lábios do homem que era cego de nascença, após ele ser curado (9.9). 'Se na passagem atual há qualquer indicação de epifania de uma personagem divina não é porque as palavras ego eimi são usadas, mas porque no evangelho como um todo Jesus é uma personagem divina' (Barrett, p. 281). Por essa razão parece um exagero

a sugestão de Bruce Grigsby<sup>102</sup> (seguida na obra de Schnackenburg, 2. 27) que a queda das palavras do prefácio: 'Coragem!', atestadas tanto por Marcos (6.50) quanto por Mateus (14.27), foi feita para dar à expressão: 'Sou eu', uma 'aura de

102 ExpT 100, 1989, p. 296.

277 João 6.22-58

majestade'. As palavras fazem em grego um sentido perfeitamente natural como uma forma de auto-identificação, simplesmente: 'Sou eu' — e sem dúvida foi assim que os discípulos as entenderam. Assim, formalmente nada é 'realçado'. Nós não devemos supor que se esperava dos leitores de João que comparassem seu relato desse episódio, palavra por palavra, com aquele preservado em Marcos, para determinar o significado de João. Por outro lado, o leitor atencioso que leu todo esse evangelho duas ou três vezes deve observar o número e formas variadas dos ditos 'eu sou' (cf. notas sobre 6.35), e se perguntar se essa ocorrência no versículo 20 não poderia ser uma antecipação de uma auto-revelação mais clara da parte de Jesus. Com esse objetivo, o evangelista tem contribuído um pouco ao reduzir o diálogo ao máximo. Mas é importante ver que o evangelista atingiu isso não por distorcer a história, mas por sutilmente reforçar seus focos de forma que o leitor meditativo observará, mais uma vez, que «le é privilegiado em captar o que os primeiros discípulos não puderam entender senão mais tarde.

21 Então, eles, de bom grado, o receberam, e logo o barco chegou ao seu destino.

21 Quiseram, então, recolhê-lo no barco, mas ele imediatamente chegou à terra para onde iam.

21 Eles quiseram recolhê-lo ao barco, mas imediatamente o barco aportou no lugar para onde iam.

21 Quiseram recolhê-lo a bordo, e imediatamente a barca chegou à terra para onde se dirigiam.

21. Uma vez tranqüilizados, os discípulos resolveram recebê-lo no barco, e logo chegaram à praia para a qual se dirigiam. Se a linguagem é tomada estritamente, isso sugere outro milagre, possivelmente com uma alusão a Salmos 107.23-32 (especialmente v. 30, 'Deus os guiou ao porto almejado'). Essa interpretação remonta pelo menos até Orígenes. Aqueles entre os leitores de João que conheciam suas Escrituras podiam bem lembrar que o mar freqüentemente representa caos e desordem, e é Deus quem o controla e acalma (cf. Jó 38.8-11; Sl 29.3,4, 10,11; 65.5-7; 89.9; e 107.23-32, que acaba de ser citado).

18 ... além disso, o mar, pelo forte vento que soprava, estava encrespado).

Outra razão para não empreender a viagem; o perigo da navegação. Eram três, portanto, as razões que se opunham à decisão dos discípulos: a noite, a ausência de Jesus e o estado do lago. Tal, porém, é sua decepção com o ocorrido, que decidem sem mais abandonar a Jesus e voltar à cidade.

Jesus fizera-se o servidor da multidão. Os discípulos não o entendem, participam da confusão geral, e diante desta incompreensão, Jesus se retirou. O vento forte que agita o lago e torna perigosa a navegação, ou, seja, põe em perigo a comunidade de Jesus, representa ao mesmo tempo o mau espírito que agita os discípulos a falsa concepção messiânica é inimiga do projeto de Deus (trevas) e pode fazer malograr a obra de Jesus.

19-20 Tinham remado já uns cinco ou seis quilômetros, quando perceberam Jesus que, andando pelo mar, aproximava-se da barca, e ficaram com medo; mas ele lhes disse: "Sou eu, não tendes medo".

Avançada já a travessia, percebem Jesus que, caminhando sobre o mar, aproxima-se da barca. Eles o reconhecem; a presença de Jesus, de quem desertaram, lhes causa medo; esperam repreensão ou represália, Jesus, porém, lhes dirige a palavra e os tranqüiliza: Sou eu, não tendes medo. As palavras Sou eu dão o motivo para não temer (1,20; 4,25-26 Leits.). Ele é o Messias, quem os escolheu, mostrando-lhes com isso o seu amor, e quem continua querendo-lhes bem apesar de sua deserção: cheio de amor e lealdade (1,14; cf. 13,1). Caminhou pelo lago para buscá-los, não

tem barca (comunidade), mas nada há de impossível para o amor. Eles quiseram voltar atrás, mas Jesus volta para eles a fim de não deixá-los sós com sua má sorte. Não quer que se percam nas trevas (6,39; cf. 10,28; 12,35).

A fuga na barca antecipa a angústia e a desorientação do grupo após a morte de Jesus. Suas palavras: Sou eu, não tenhais medo, anunciam sua vitória sobre o mundo (16,33) e a saudação pascal: Paz convosco (20,19).<sup>1</sup>

10 o termo anemos, vento, está em relação semântica com pneuma, vento/espírito, mas Jo usa pneuma somente em sentido positivo; ambos os termos são sujeito do mestno verbo soprar (pneô, cf. 3,8;6,18), de que deriva pneuma.

21 Ao quererem eles recolhê-lo na barca, imediatamente se encontrou a barca aonde iam.

Diante da tentativa dos discípulos de recolherem Jesus na barca, produz-se fenômeno estranho: ela se acha imediatamente na terra aonde iam (cf. nota). Os discípulos tinham querido separar-se de Jesus, mas ele foi ao seu encontro e lhes assegurou sua amizade. A reação dos discípulos é positiva, querem reunir-se com Jesus, tomá-lo na barca. Implicamente aderem a ele de novo, a ele que rechaçou aquele tipo de realeza; neste momento tudo o que causava perigo desaparece: o mar agitado não existe, encontram-se em terra firme. Aceitar Jesus os livrou da tentação. Nem é preciso que Jesus acalme os ventos e o perigo se desvanece por si mesmo.

O verbo “ir-se” (cf. nota) é usado por Jo para indicar a ida de Jesus ao Pai, passando pela morte (cf. 8,14;13,3;16,5.10.17); é o caminho do Espírito (3,8 nota), que leva ao termo que Deus quer. Chegaram à terra aonde Jesus pretendia levá-los com o seu êxodo. Cafamaum era a meta dos desertores; agora, porém, estão com Jesus na meta que ele com eles tinha-se proposto, na comunidade que aceita o seu serviço até à morte e se funda nele.

#### SINTESE

Nesta perícopé Jesus propõe a qualidade de sua alternativa e a missão de sua comunidade: como esta, em situação de ruptura com a sociedade injusta, assegura a possibilidade da subsistência, tomando-se assim sinal do amor generoso de Deus, que provê aos que empreendem o êxodo começado por Jesus.

Diante da confiança no dinheiro, que rege a vida da sociedade injusta, Jesus propõe a eficácia do amor, que multiplica a ação criadora e, com ela, os dons criados. O monopólio, que se opõe ao amor, frustra a obra criadora e cria a necessidade. O amor, expressando-se na partilha generosa, faz crescer o homem, devolvendo-lhe dignidade e independência.

A comunidade cristã tem por missão tomar visível a generosidade divina através da própria generosidade. Tal é o sentido de sua vida, que se expressa e se celebra na eucaristia.

Perante a humanidade, a comunidade encarna a atitude de serviço de Jesus, renunciando à tentativa de amparar-se no poder para realizar sua obra.

A dificuldade em que Jesus tropeça é a mentalidade dos que persistem nas categorias do poder. Preferem um Messias-rei, déspota benfeitor que lhes assegure a vida, impondo-lhes o seu regime. A eficácia, contudo, não se acha no poder de alguém que mande, e sim no amor de todos, que toma presente a Jesus como aquele que se põe a serviço do homem até dar sua vida.